

123 ABR 1994

O coração de Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

José Roberto Arruda

O ex-deputado Geraldo Guedes, pioneiro de Brasília e que teve 26 anos de mandato parlamentar, é um grande contador de histórias políticas.

Ele estava presente no almoço que foi oferecido a Juscelino Kubitschek, na Casa Caiada, em Olinda, nos idos de 1955. O Presidente já havia sido eleito mas ainda não tinha tomado posse. Voltava de uma viagem à Europa, onde havia encontrado líderes políticos, banqueiros e empresários internacionais. Naquela época o avião fazia uma escala em Recife antes de chegar ao Rio.

Na presença do governador de Pernambuco, o marechal Cordeiro de Farias, o Presidente eleito deixou todos estupefatos quando, no seu discurso, declarou: "Daqui a cinco anos, quando eu passar o governo a meu sucessor, eu o farei numa nova cidade, uma nova capital que vou construir no Planalto Central. E mais. Todos os carros que estiverem rodando nessa nova cidade já terão sido

fabricados aqui no Brasil".

Poucos acreditaram. Era muita ousadia. A capital era o Rio e os carros, todos, importados.

Quando, em 1961, JK passou o governo a Jânio Quadros, a capital do País era Brasília.

Os carros que circulavam no dia da posse eram DKW, Aero-Willys e o Volkswagen, todos resultado da implantação da indústria automobilística no Brasil.

JK, em cinco anos, com seu otimismo, sua fé, determinação e trabalho, havia mudado a face do País.

Antes, agrícola. Agora, já industrializado. Antes litorâneo, já havia interiorizado o seu desenvolvimento, com Brasília, as estradas e as usinas hidroelétricas. Antes um país triste, sem perspectivas. Depois, um país alegre, confiante, cheio de esperanças. Brasília foi o símbolo maior dessa época. O símbolo da ousadia e da capacidade realizadora de todo um povo.

Neste 21 de abril, quando Brasília completou 34 anos, o cora-

ção da cidade bateu mais forte. O coração de Brasília bateu ao ritmo da maratona, acelerado. Ritmo de Chateaubriand e dos Diários, Associados, há 34 anos em Brasília. Bateu ao ritmo do Metrô, que nesse dia transportou dez mil 324 pessoas. Bateu ao ritmo compassado do piano de Artur Moreira Lima na alvorada do aniversário da cidade. Bateu ao ritmo incansável do coração de D. Sarah e ao ritmo do coração de cada um de nós, herdeiros desta cidade-símbolo da grandeza e da esperança.

O coração de Brasília, jovem e pioneiro, bateu ao ritmo da Capital da Esperança, de André Maulraux.

É o coração das batidas das bandas de rock, das batidas das ferramentas que constroem o progresso, batida apressada da confiança que foge dos limites da razão. Porque o coração de Brasília é pura emoção.

É o coração de uma cidade que nasceu do gesto simples do sinal da cruz, nas palavras mágicas de

Lúcio Costa.

É o coração da grandeza, que Vinícius immortalizou na "Sinfonia da Alvorada": "No início era o ermo. Um imensa solidão sem mágoa".

JK, olhando Brasília e o Brasil a partir do seu Memorial, daquela estátua que vive pelos traços imortais do escultor Oscar Niemeyer, recebe com bom humor as críticas à cidade, vê com grandeza as dificuldades do momento presente, menospreza o pessimismo, sorri dos incautos, recebe as críticas das sucessivas UDNs, com galhardia, e, com a sua alma singular vê com serenidade e otimista o futuro do País, como a repetir, em cada aniversário da mais bela capital contemporânea: "Deste Planalto Central, lanço os olhos mais uma vez sob o amanhã do meu País, e antevejo, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites, o seu grande destino".

■ José Roberto Arruda, ex-secretário de Obras do Distrito Federal, é engenheiro